

ANFÍBIOS E RÉPTEIS RECENTES DO RIO GRANDE DO SUL

MÁRCIO BORGES-MARTINS

Laboratório de Herpetologia, Depto. de Zoologia, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Av. Bento Gonçalves 9500, Agronomia, 91501-970 Porto Alegre, RS, Brasil,
borges.martins@ufrgs.br

Atualmente no mundo são conhecidas cerca de 5743 espécies de anfíbios, distribuídas em três ordens: Anura (sapos, rãs e pererecas), Urodela (salamandras) e Gymnophiona (cobras-cegas ou cecílias). Uma grande variedade de formas e de histórias de vida confere a este grupo uma distribuição cosmopolita, estando ausentes apenas nas regiões de temperaturas muito baixas (em altitudes elevadas, zonas de grande latitude e no continente Antártico) e em ecossistemas marinhos. O Brasil é atualmente o país detentor da maior riqueza de anfíbios, com 776 espécies no total, seguido pela Colômbia (698), Equador (447) e o Peru (398). Anura corresponde a maior parcela, com 748 espécies. As ordens Urodela e Gymnophiona apresentam uma riqueza bem inferior no Brasil, com respectivamente uma e 27 espécies conhecidas. O Rio Grande do Sul (RS) possui cerca de 95 espécies de anfíbios conhecidas até o momento, sendo 93 anuros e duas cobras-cegas. Destas, contudo, cerca de oito correspondem a táxons novos, ainda em fase de descrição. As 95 espécies estão distribuídas em 11 famílias: Bufonidae, Centrolenidae, Ceratophryidae, Cycloramphidae, Hylidae, Hilodidae, Leptodactylidae, Leiuperidae, Microhylidae, Ceciliidae e Typhlonectidae. Uma considerável alteração na classificação dos anuros foi proposta recentemente, modificando vários nomes genéricos e de famílias. Além das 95 espécies nativas, atualmente é possível encontrar em muitas áreas, especialmente no centro e metade norte do Estado, populações estabelecidas da rã-touro, *Rana catesbeiana* (família Ranidae), espécie exótica invasora originária dos Estados Unidos. A riqueza observada no RS representa cerca de 12% das espécies registradas para o Brasil. Possivelmente o número de espécies no Estado deva ultrapassar as 100 nos próximos anos, dado o incremento considerável no número de estudos e inventários que vem sendo realizados em muitas regiões. Esta tendência fica clara se observarmos que nos últimos anos o número de espécies registradas para o RS passou de 63 em 1980, para 86 em 2004 e 95 em 2005. Estes valores mostram um acréscimo de 36,5% em um período de 24 anos (1980 a 2004) e de 10,5% apenas nos últimos anos (2004 a 2005). Embora o RS detenha uma riqueza considerável de espécies de anfíbios, o número de endemismos é baixo, sendo conhecidas atualmente apenas quatro espécies: *Elachistocleis erythrogaster*, *Melanophryniscus cambaraensis*, *M. macrogranulosus* e *M. pachyrhynchus*. É esperado, contudo, que o número de anfíbios endêmicos do RS seja maior. Duas espécies de anuros, atualmente em descrição, parecem também ter distribuição restrita aos limites do Estado. Por outro lado, além das espécies endêmicas, pelo menos outras dez apresentam distribuição restrita ao RS e Santa Catarina e duas ao RS e o Uruguai. A obtenção de dados comparáveis sobre composição e estrutura de comunidades de anfíbios, em diferentes áreas, fornecem subsídios importantes para o entendimento das relações e características da diversidade biológica. A realização de inventários pode ser considerada ainda prioritária na pesquisa com anfíbios no RS. Infelizmente, também, ainda são poucos os estudos publicados sobre comunidades de anfíbios no Estado, a exemplo dos trabalhos realizados no Planalto das Araucárias, em Candiota e Lagoa do Peixe. A maior parte dos estudos realizados no RS tem caráter taxonômico e o conhecimento sobre a distribuição geográfica e a história natural são fragmentários. Em relação aos répteis, o RS não é exceção no panorama brasileiro, e estudos sobre riqueza, composição e estruturação das comunidades são ainda raros. Existe uma série de inventários realizados de forma ocasional no Estado, que propiciaram um conhecimento satisfatório da lista de espécies do Estado, mas apenas recentemente abordagens de maior duração e com metodologia adequada ao estudo da ecologia e história natural têm sido desenvolvidas em algumas localidades específicas. Estes estudos têm reforçado a percepção do quão desconhecida é a nossa fauna, tanto em termos de ecologia dos indivíduos e populações, quanto dos aspectos de composição das comunidades. Os estudos sobre história natural de comunidades de serpentes, no final da década de 90, no Planalto das Araucárias e na Depressão Central foram pioneiros. Atualmente estão em andamento estudos semelhantes em duas localidades na Serra do Sudeste e um estudo foi recentemente concluído no Planalto Médio. Alguns estudos recentes vêm sendo desenvolvidos no litoral norte (Município Balneário Pinhal), fornecendo dados inéditos sobre a ecologia das comunidades de répteis e a história natural de muitas espécies. A composição de espécies de

répteis do Estado, em contraste com os aspectos de história natural, é relativamente bem conhecida, como resultado do trabalho de Thales de Lema e colaboradores. Apesar das informações acumuladas sobre a composição de espécies, o nível de conhecimento atual sobre ecologia e história natural de comunidades ainda não permite fazer extrapolações satisfatórias sobre padrões gerais de distribuição da fauna de répteis do RS. Da mesma maneira, ainda permite pouco poder de predição sobre a estruturação de comunidades em escala local. Hoje estão registradas para os limites do estado do RS cerca de 120 espécies de répteis, sendo um jacaré, cinco cobras-de-duas-cabeças, 10 tartarugas, 21 lagartos e 83 serpentes. Em termos gerais, as 120 espécies do RS correspondem a 19% das 631 registradas para o Brasil e pouco mais de 1% das 8240 espécies de répteis conhecidas no mundo. O grupo das serpentes é o mais rico no RS, correspondendo a 69% das espécies de répteis do Estado. As famílias Colubridae, Viperidae e Elapidae são as mais bem representadas em número de espécies. Além destas, ocorrem mais três famílias de pequenas serpentes fossoriais (Typhlopidae, Leptotyphlopidae e Anomalepididae) cada qual representada por apenas uma ou duas espécies, ainda pouco estudadas. As famílias de lagartos que ocorrem no RS são Teiidae, Gymnophthalmidae, Tropiduridae, Polychrotidae, Leiosauridae, Gekkonidae, Anguidae e Scincidae. As cobras-cegas da família Amphisbaenidae ocorrem no Estado, mas estão carentes de estudos taxonômicos e o número de espécies deve ser alterado. São conhecidas ainda as tartarugas de águas continentais das famílias Emydidae e Chelidae, e as marinhas das famílias Cheloniidae e Dermochelyidae. Por fim, uma única espécie de jacaré da família Alligatoridae é conhecida para o RS. O nível de endemismos é muito baixo, e atualmente são conhecidas apenas duas espécies de serpentes e uma de lagarto que ocorrem apenas em território gaúcho. A herpetofauna do RS, em comparação com as regiões vizinhas (Uruguai e nordeste da Argentina) e demais regiões do Brasil, apresenta valores de riqueza consideráveis, ainda que exista uma tendência generalizada de redução na riqueza das comunidades relacionada ao aumento da latitude. De uma maneira geral, os grupos melhor representados no Estado também o são no Brasil. Porém há um aumento na proporção de espécies de serpentes, em relação aos demais grupos: enquanto as serpentes correspondem a 69% das espécies de répteis no RS, correspondem apenas a 50% no Brasil. Dentre as famílias de répteis registradas para o Brasil, mas que não ocorrem no RS, destacamos Geoemydidae, Kinosternidae, Testudinidae e Podocnemididae, entre os Testudines, Iguanidae e Hoplocercidae, entre os lagartos, e Aniliidae, Tropidophiidae e Boidae, entre as serpentes. Dentre os anfíbios registrados para o Brasil, mas que não ocorrem no RS, destacamos a única espécie de salamandra brasileira (*Bolitoglossa paraensis*, Família Plethodontidae), restrita a região amazônica, além de algumas famílias pequenas de anura (e.g. Ranidae, Pipidae, Dendrobatidae, Brachycephalidae e Allophrynidae). Contudo, uma reavaliação deste panorama é necessária, devido aos recentes arranjos taxonômicos propostos. No que diz respeito à distribuição da herpetofauna no RS, a maioria das famílias apresenta representantes com distribuição que abrange a maior parte do território gaúcho, e as poucas exceções seriam algumas famílias de anuros com distribuição apenas marginal no Estado. Padrões de distribuição são perceptíveis apenas em níveis taxonômicos inferiores e estão associados a dois fatores principais, a cobertura vegetal e a geomorfologia.